

Brás, Bexiga e Barra Funda

Roteiro de Leitura

Antônio de Alcântara Machado

CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA

O AUTOR

Antônio de Alcântara Machado nasceu em São Paulo, em 1901 e faleceu, com 34 anos de idade, no Rio de Janeiro em 1935. Filho e neto de professores da Faculdade de Direito de São Paulo, aí também se formou em Ciências Jurídicas e Sociais em 1923.

Apesar de sua formação profissional e de sua descendência aristocrática, que incluía professores, juristas, senadores, diplomatas e veteranos de campanhas do Império, optou pela literatura e pelo jornalismo, tendo como primeira obra publicada *Pathé Baby* (1926), com prefácio de Oswald de Andrade, de quem recebera muita influência: um livro de crônicas e reportagens escritas na Europa em 1925 e enviadas ao *Jornal do Comércio*, onde se tornara redator-chefe em 1924.

Integrando o movimento que promoveu a semana de arte moderna, em 1922, e na busca de uma renovação literária, Antônio de Alcântara Machado participou como redator e colaborador da edição das revistas *Terra Roxa* e *Outras Terras* (1926), *Antopofagia* (1928) e ainda fundou a revista *Nova* (1931-1932).

Sua temática aponta para as inovações urbanas ocorridas no período dos anos 20 e 30, quando tem início a industrialização na cidade de São Paulo e, em especial, nos bairros ocupados por imigrantes italianos, cujo registro de traços comportamentais e linguísticos se encontra bem caracterizado em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927).

Outras obras de Alcântara Machado: *Laranja-da-China* (1928); *Anchieta na Capitania de São Vicente* (1928); *Comemoração de Brasília Machado* (1929), e as obras póstumas: *Mana Maria* (1936), um romance inacabado, mais contos esparsos e *Cavaquinho e Saxofone* (1940), compreendendo crônicas e artigos de várias fases de sua carreira jornalística.

Em 1961, a Editora José Olympio publica *Novelas Paulistanas*, reunindo sob esse título quatro obras anteriores: *Brás, Bexiga e Barra Funda*, *Laranja-da-China*, *Mana Maria* e *Contos Avulsos*.

O CONTEXTO

A expressão literária não tem como dissociar-se do contexto sócio-político porque toda produção estética, ainda que apontando para o seu próprio fazer, traz na sua estrutura, na sua ordenação, as marcas da organização social e política em que está inserida.

A eletricidade e as invenções tecnológicas que nos trouxeram velozes e precisas máquinas, como o automóvel e o avião, alteraram o ritmo de vida do homem moderno, verticalizaram o visual urbano e operaram transformações na maneira de observar o universo e de com ele se relacionar. Nada mais poderia ser como antes. A velocidade ganha espaço no cotidiano do habitante cidadão; as descobertas de Freud sobre a compreensão do inconsciente e a realidade dos “atos falhos” como os desejos reprimidos do homem, o cinema e suas experimentações com a imagem em movimento, as sequelas da primeira guerra mundial, a Revolução Russa e a ditadura do proletariado são fatos que acabam por abalar as conexões dos intelectuais da época do primeiro tempo modernista.

No Brasil, começa a tomar consistência um sentimento voltado para o nacionalismo, para a nossa identidade e um afastar-se das formas arcaicas, pedantes e artificiais impostas pelo modelo europeu, que não se coaduna com a realidade de natureza mestiça de que é constituído o país, abrigo de imigrantes de várias partes da Europa e da África, principalmente.

Em São Paulo, nas duas primeiras décadas deste século, à economia rural, em especial à do café, vem juntar-se a industrialização, embora ainda incipiente, que atrai boa parte da mão-de-obra imigrante do campo. O Moinho Matarazzo, no bairro do Brás, que produz produtos de farinha de trigo e massas alimentícias, impulsiona a industrialização em larga escala e oferece trabalho assalariado à maioria dos imigrantes italianos, transformando o bairro no reduto dos “italianos”, no português “macarrônico”, fruto das mesclas lingüísticas.

Oswald de Andrade retorna da Europa e em sua bagagem as idéias futuristas de Marinetti dão respaldo à sua postura irreverente, anárquica e demolidora dos padrões vigentes, e vão culminar, em 1922, com a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, de que participam vários autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros.

O clima revolucionário instaurado no campo das artes, que marcou tão profundamente a Semana de Arte Moderna, foi então resultado de severas transformações por que passaram as produções culturais na Europa, do início do século e pelas chamadas Vanguardas Europeias e seus movimentos de ruptura com as formas clássicas e bem comportadas de representação da realidade.

Na estréia de Oswald de Andrade, Alcântara Machado aderiu à postura de rejeição aos padrões convencionais de expressão lingüística e literatura, mas sua produção estética experienciou uma prosa menos radical, procurando acima de tudo dar lugar e transparência à linguagem popular do léxico ítalo-paulistano dos chamados “bairros italianos” de São Paulo.

RESUMO

A obra de Alcântara Machado é um mosaico contruído por “flashes” do cotidiano dos italianos, em sua maioria operários pobres na luta e na aventura do dia-a-dia pela sobrevivência ou ascensão, com seus conflitos, suas pequenas alegrias e também alguns tropeços éticos.

Não são contos, e sim, *notícias*, segundo o próprio autor. Na verdade, uma prosa rápida, cubo-futurista, mesclando conto, crônica e notícia; uma tentativa de aproximação entre a linguagem falada e a escrita, entre a literatura e o jornal.

Gaetaninho

— Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

— Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

— Subito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Eta salame de mestre!

Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araça. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

*Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boléia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: **Encouraçado São Paulo**. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica.*

E ligas pretas segurando as meias. Que beleza, rapaz! Dentro do carro o pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o “Ahi, Mari!” todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou, e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um cocre danado de doído.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não terem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo. O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

— *Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?*

— *Meu pai deu uma vez na cara dele.*

— *Então você não vi amanhã no enterro. Eu vou!*

O Vicente protestou indignado:

— *Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!*

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia.

Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

— *Passa pro Beppino!*

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o gurdão sardento e foi parar no meio da rua.

— *Vá dar tiro no inferno!*

— *Cala a boca, palestrino!*

— *Traga a bola!*

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

— *Sabe o Gaetaninho?*

— *Que é que tem?*

— *Amassou o bonde!*

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boléia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boléia de um dos carros do cortejo mirim exibia sobrebo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.

- Em “Amor e Sangue”, Alcântara Machado trabalha a temática do amor não correspondido do barbeiro Nicolino pela operária Grazia, com narrador quase inexistente, numa estrutura dialogal em que as notícias na barbearia deslizam rápidas como a navalha de Nicolino, indiciando para o leitor o desfecho da narrativa, culminando com a notícia do jornal: “Eu matei ela porque, estava louco, Seu Delegado.”. Transformada depois em música de sucesso no bairro.
- No conto/crônica “Lisetta”, há a oposição, no espaço de um bonde, de dois mundos: o da menina privilegiada com seu urso “amarelo”, “felpudo”, “engraçadinho”, e Lisetta, a pobre italianinha e seu desejo frustrado de tocar o urso, acariciá-lo em pouco pelo menos.

A negação e a provocação da menina rica fazem aumentar a fascinação e o desespero de Lisetta, que é repreendida pela mãe, envergonhada e humilhada pela insistência da filha em tocar o brinquedo. Desculpa-se com a mãe da garota que, altiva, não lhe dá atenção. A crise se agrava. Há choro, beliscões. Ameaças.

A menina rica, e seu urso, desce do ônibus, mas o conflito, os safanões se arrastam até a casa de Lisetta e só terminam quando Ugo, o irmão mais velho, amargurado, interfere e acaba improvisando um presente para Lisetta: um pequeno urso de lata.

- Em “Corinthians (2) vs. Palestra(1)”, a partida no Parque Antártica hipnotizara uma platéia de vinte mil pessoas. Miquelina, que já havia deixado para trás o Biagio, jogador que era a esperança do Corinthians, torcia enfaticamente pelo Palestra e por sua nova paixão: Rocco, jogador do Palestra Itália.

“— O Rocco é que está garantindo o Palestra. Aí, Rocco! Quebra eles sem dó!” gritava Miquelina.

Mas um segundo gol do Corinthians, pênalti cobrado por Biagio, põe fim à partida. Ao lado de Miquelina, o gordo de lenço no pescoço desabafou:

“— Tudo culpa daquela besta do Rocco.”

Na semana seguinte, Miquelina voltava à Sociedade Beneficente e Recreativa do Bexiga, onde Biagio frequentava os bailes dominicais.

- No conto “Notas Biográficas do Novo Deputado”, o coronel Juca Peixoto de Faria é notificado por carta, pelo administrador da fazenda, da morte de seu compadre e da expectativa de orientação quanto ao destino do órfão Genarinho de nove anos.

Coronel Juca recebe o afilhado, procura moldá-lo de acordo com as normas exigidas para um garoto da cidade e, para isso, coloca-o em um colégio de padres, mudando antes o seu nome para Januário e acrescentando Peixoto de Faria; medidas preliminares para uma futura carreira política.

- “Tiro de Guerra Nº 35” retrata o espaço da Barra Funda, onde Aristodemo Guggiani cresce e se desenvolve entre trapaças da infância. Adulto, chega a ser cobrador de ônibus da linha Praça do Patriarca-Lapa. Entra para o Tiro de Guerra e se torna, por influência do Sargento Aristóteles Camarão de Medeiros, um “brasileiro jacobino”, ou seja, um nacionalista exaltado, a ponto de agredir fisicamente um colega de descendência alemã porque “o desgraçado estava escrachando com o hino do Brasil”. O elemento “indigno de ostentar a fara gloriosa” é expulso do Exército e Aristodemo é suspenso por um dia “por necessidade de disciplina”, mas é também apontado como “exemplo de patriotismo” no mesmo comunicado oficial. Terminado o período do Tiro de Guerra, Aristodemo volta a operar como cobrador ainda que para outra companhia a mesma linha Praça Patriarca-Lapa.
- Carmela, costureirinha vaidosa de uma oficina de moda da Rua Barão de Itapetininga, de físico bem moldado e roupas curtas e coladas ao corpo, dá título ao conto e é motivo de olhares gulosos e assédio constante ao sair do trabalho. O seu oposto é Bianca, amiga estrábica e feia, “sentinela companheira”.

Carmela é namorada de Ângelo, entregador de loja, mas não resiste à perseguição do conquistador do Buich que quer apenas levá-la para “uma voltinha de cinco minutos...Não seja má. Suba aqui.”

Nas primeiras vezes levava Bianca. Depois, não mais. E Bianca espalha pelo bairro a notícia. Ao perguntarem pelo Ângelo, o namorado de Carmela, Bianca responde:

“— Ângelo? O Ângelo é outra coisa. É pra casar.”

- “A Sociedade” relata a relação afetiva entre um filho de imigrante italiano com a filha de um aristocrata, o Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda, impedidos pelas diferenças sociais.

“— Filha minha mãe não casa com filho de carcamano!”

Contudo, a parceria em um negócio imobiliário com o italiano, ex-vendedor de batatas e atual proprietário de uma fábrica com mais de 1.200 teares, oferecia uma possibilidade de reequilibrar a situação financeira do Conselheiro. A união das famílias não levou mais que seis meses.

- Em “O Monstro de Rodas”, a cena do velório e enterro de uma garota atropelada justapõe cenas de dor e crítica social:

“— Quando só ver, daqui a pouco a notícia do Fanfulha. Deve cascar o almofadinha.

— Xi, Repino! Você ainda é muito criança. Tu é ingênuo rapaz.

Não conhece a podridão da nossa imprensa. Que o quê, meu nego. Filho de rico manda nesta terra que nem a Light. Pode matar sem medo. É ou não é, Seu Zamponi?”

- O armazém de Natal, em “Armazém Progresso de São Paulo”, que abriga um jogo de “bocce” no fundo, prosperava no bairro do Bexiga. Ele e a mulher, Dona Bianca, trabalhavam dia e noite. Estavam de olho no estabelecimento do português em frente, onde os negócios iam mal e a falência acenava como a única possibilidade, apesar de todo o estoque, principalmente a cebola.

Dona Bianca, através de escuta atenta das conversas entre os clientes do jogo de “bocce”- Pessoal do Abastecimento-, alertou o marido para a alta prevista do preço da cebola que “iria ficar pela hora da morte”. Confirmada a notícia e firmado com aquele pessoal um acordo de silêncio sobre a alta e preços, bastou uma pressão sobre o português endividado para que a comercialização do estabelecimento se efetuassem e Dona Bianca já podia sonhar com o “palacete mais caro da Avenida Paulista”.

- Em “Nacionalidade”, a saga do barbeiro de vida simples, Tranquillo Zampinetti da Rua do Gasômetro, no Brás é relatada, cuja fidelidade à língua, aos costumes e o seu amor pela Itália sofrem total transformação, a partir do contato com um político. A ascensão econômica que essa influência propicia, leva-o a encaminhar um requerimento solicitando a sua naturalização.

ESTUDO DAS PERSONAGENS

Alcântara Machado não se detém em descrições alongadas, plenas de minúcias das personagens. Antes, porém, trabalha em “flashes” rápidos, como uma câmera cinematográfica, captando em primeiro plano um ou outro aspecto revelador de sua personalidade ou de sua condição social. Abaixo encontram-se trechos que desenharam o caráter das personagens existentes em *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

- Gaetaninho, o menino pobre e sonhador, fazia parte do grupo de imigrantes italianos do Brás. “Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em da de enterro”.

- Carmela, com um vestido “colado ao corpo”, “braços nus”, “colo nu”, “joelhos de fora”, afirma para a amiga:

“— Que é que ele pensa ? Eu não sou dessas. Eu não!”

Enquanto Bianca, “feia e estrábica”, rói as unhas”.

- Aristodemo aprendeu, no grupo Escolar da Barra Funda, a roubar “com perfeição no jogo de bolinhas”; após as aulas, “desembestava pela Rua Albuquerque Luis vaiando Seu Serafim”, o professor; no clube de futebol “foi expulso por falta de pagamento”, mas no Exército exige respeito para com o Hino Nacional.

“— Eu dei mesmo na cara dele, Seu Sargento. Por Deus do Céu! Um bruto tapa mesmo. O desgraçado estava escachando com o hino do Brasil!”

- O desespero de Nicolino diante de uma paixão que não encontra eco no coração de Grazia é representado por:

“Vá sofrer no inferno, Seu Nicolino. Foi o que ele ouviu de si mesmo” ou “Não adiantam nada que o céu estivesse azul porque a alma de Nicolino estava negra.”

- O Conselheiro José Bonifácio representa a nobreza: “...saiu de casa abotoando o fraque”, traje que indicia a sua condição social privilegiada, enquanto o “carcamano” Cav. Uff. Salvatore Melli personifica o poder econômico:

“— Ver Bacco, doutor! Mas io tenho o capital. O capital sono io”

“O capital acendeu um charuto.”

- Lisetta, a garotinha pobre, sente-se atraída pelo urso e brinquedo da menina rica que “viu o enlevo e a inveja de Lisetta. E deu de brincar com o urso.”:

“— Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?

— Ah!

— Scusi, senhora. Desculpe por favor (...)

A mãe da menina rica não respondeu. Ajeitou o chapuzinho da filha, sorriu para o bicho, fez uma carícia na cabeça dele, abriu a bols e olhou o espelho.”

- Miquelina no Parque Antártica torcia pelo Palestra.

“...Aí, Rocco! Quebra eles sem dó!”

Yolanda diz:

“— Você está ficando maluca, Miquelina. Puxa! Que bruta paixão! Era mesmo. Gostam do Rocco, pronto. Deu o fora no Biagio [o jovem e esperançoso esportista Biagio(...)] só por causa dele.”

- O último gol do Corinthians, marcado por Biagio deu a vitória ao time e pôs fim ao entusiasmo de Miquelina que ainda ouviu comentário:

“Tudo culpa daquela besta do Rocco.”

No final de semana seguinte, Miquelina já se preparava para voltar a frequentar o mesmo clube onde antes se encontrava com Biagio.

- “Germaninho desceu na estação da Sorocabana com o nariz escorrendo. Todo chinate. De chapéu vermelho. Bengalinha na mão. Rebocado pelo filho mais velho do administrador. E com carta para o Coronel J. Peixoto de Faria.”

“Veio desde a estação até a Avenida Higienópolis com a cabeça para fora do automóvel voltano cusparadas.”

“— Diabinho de menino! Querendo a toda força levantar a saia da Atsué.”

- Em o “Monstro de Rodas”, os vários personagens, Nino, Pepino e Américo Zamponi, entre outros, estão ligados por um único eixo: “o caixãozinho cor-de-rosa com listras prateadas” da filha de Dona Nunzia, atropelada por um “almofadinha”.
- Natale, o proprietário do armazém do Bexiga, e sua esposa, Dona Bianca, ocupam o espaço cênico do conto em que a moral e a ética são substituídas pela ganância e desejo de “status”, valores estes que são reforçados por José Esperidião, da Comissão de Abastecimento.

“Olhe aqui, amigo Natale: trate de bancar o açambarcador. Não seja besta. O pessoal da alta que hoje cospe na cabeça do povo enriqueceu assim mesmo. Igualzinho.”

- Tranquillo Zampinetti, barbeiro do Brás, é um italiano apaixonado por seu país que “ia dormir com aquela idéia na cabeça: voltar para a pátria.”

Ferruccio, também italiano, mas candidato do governo e terceiro juiz de paz, cliente da barbearia de Zampinetti, com sua eloquência verbal, acaba por alterar a vida e os valores de Tranquillo Zampinetti.

ANÁLISE DO FOCO NARRATIVO

O processo narrativo em Brás, Bexiga e Barra Funda está apoiado no diálogo, ou seja, no discurso direto, em que a fala das personagens é revelada ao leitor com o máximo de naturalidade, afastando a presença do narrador e aproximando-a dos personagens na busca de melhor caracterizá-los e também ao seu contexto, expondo a carga emotiva e os valores que permeiam as suas ações.

“Miquelina pôs a mão no coração. Depois fechou os olhos. Depois perguntou:

— Quem é que vai bater, Iolanda ?

— O Biagio mesmo.

— Desgraçado.

O medo fez silêncio.

Prrrii!

Pan!

— Go-o-o-o-ol! Corinthians!

— Quantos minutos ainda ?

Pri-pri-pri!

— Acabou, Nossa Senhora!

Acabou.”

ESTUDO DA LINGUAGEM E ESTILO

Brás, Bexiga e Barra Funda busca, através da linguagem, marcar os registros de fala coloquial e mestiça que predominavam no início do século, principalmente nos bairros que dão nome à obra, além de romper com as formas expressivas e as estruturas já cristalizadas pelo uso generalizado. Há uma fusão de gêneros literário, jornalístico e publicitário, que causa estranhamento ao leitor quando se depara, por exemplo, com um anúncio em letras maiúsculas, sem nenhum texto introdutório em “Amor e sangue”:

“AO BARBEIRO SUBMARINO. BARBA: 300 RÉIS. CABELO: 600 RÉIS SERVIÇO GARANTIDO.”

Que um anúncio contendo um texto introdutório como em “Armazém Progresso de São Paulo.”

O armazém do Natale era célebre em todo o Bexiga por causa deste anúncio:

Aviso às Excelentíssimas Mães de Família!

o

Armazém Progresso de São Paulo

de

Natale Pienotto

Tem artigos de todas as qualidades dá-se um conto de réis a quem provar o contrário

N.B. - Jogo de bocce com serviço de restaurante nos fundos.

Ou ainda o convite de casamento em “A Sociedade”:

O Conselheiro José Bonifácio
de Matos e Arruda

e

senhora

têm a honra de participar

a V.Ex.a e Ex.ma família o

contrato de casamento de sua filha

com Senhorinha Teresa Rita o Sr. Adriano Melli.

O Cav. Uff. Salvatore Melli

e

senhora

têm a honra de participar

a V.Ex.a e Ex.ma família o contrato

de casamento de seu filho Adriano

com a sua filha Teresa Rita de Matos Arruda.

Rua da Liberdade, nº 259-C.

Rua da Barra Funda, nº 427.

S. Paulo, 19 de fevereiro de 1927.

ANÁLISE DAS IDÉIAS

Há uma crítica não-velada à discriminação social e de grupos estrangeiros que perpassa toda a obra, como se pode observar em “Lisetta”, no orgulho da mãe da menina rica e na provocação desta à italianinha pobre; no apontar para a falta de ética que vai se delineando no percurso da narrativa de “Nacionalidade” e “Armazém Progresso de São Paulo”; no mapeamento da busca do “status” econômico a qualquer preço quando a esposa do Conselheiro José Bonifácio, que não permitia o casamento de sua filha com o filho do carcamano”, já não vê mais obstáculos após vislumbrar grande futuro em uma sociedade comercial entre o marido e o Cav.Uff.Salvatore Melli; na denúncia explícita em relação aos que têm poder em “O Monstro de Rodas”, com a afirmação: “Filho de rico manda nesta terra que nem a Light”, e no olhar poético para a infância interrompida de Gaetaninho, cujo sonho era andar de carro e morre atropelado por um bonde quando na partida e bola “o jogo na calçada parecia de vida e morte”.

COMENTÁRIO CRÍTICO-VALORATIVO

A obra de Alcântara Machado marca uma época: início do século; um espaço: o dos imigrantes italianos; um estilo: o da ruptura com a norma culta, da irreverência em relação aos padrões rígidos de narrativa existentes, através de empréstimos de outros produtos culturais/comunicacionais, como, por exemplo, o jornal e a publicidade.

QUESTÕES À MANEIRA DO VESTIBULAR

- a) A obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi reeditada em 1961, reunindo outros textos do autor sob o título *Novelas Paulistas*. Quais eram essas outras obras ?
- b) Aponte as figuras de linguagem — um enfemismo e uma hipérbole — no conto “Gaetaninho”.
- c) Qual era o sonho de Gaetaninho e como ele o atingiu ?
- d) No conto em que há o velório e em seguida o enterro da garotinha, filha de Dona Nunzia, quais elementos denunciam que sua morte foi provocada por um atropelamento?
- e) Por que em “Amor e Sangue” Nicolino fingia não estar escutando o relato das últimas notícias sobre o assassinato ?
- f) Qual o procedimento empregado pelo autor em “Amor e Sangue” quanto ao foco narrativo ?
- g) Ainda sobre o mesmo conto, por que o autor passa do relato do crime de Nicolino para a notícia da música, fruto da tragédia, que acabou se tornando sucesso no bairro ?
- h) Explique o porquê de o narrado em “Carmela” utilizar-se, para a personagem Bianca, “rói as unhas”. O que a frase indicia ?
- i) Explique o porquê das frases curtas em, “Corinthians (2) vs. Palestra (1),” como:
— Neco! Neco!
Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.
— Gooooo! Gooooo!”
- j) Em “Tiro de Guerra nº 35”, explique a narrativa circular na qual Aristodemo, cobrador de ônibus da linha Praça Patriarca-Lapa, após um período “patriótico” no Exército, volta para a mesma profissão e o mesmo percurso da linha de ônibus.

RESOLUÇÃO DAS QUESTÕES PROPOSTAS

- a) As obras que compreendem Novelas Paulistanas, além de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, são: *Laranja-da-China, Mana Maria e Contos Avulsos*.
- b) Um eufemismo encontrado em “Gaetaninho”: atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araça”, e uma hipérbole: “grito materno, sim: até filho surdo escuta”.
- c) O sonho de Gaetaninho era ir na boléia do carro, de roupa nova, sendo admirado por todos, o que conseguiu quando todas as pessoas se aglomeraram nas calçadas para vê-lo passar, ainda que rumo ao cemitério.
- d) Os elementos surgem das relações que se estabelecem, por exemplo, entre a narrativa e seu título, “O Monstro de Rodas”; pelo diálogo entre Pepino e Américo Zamponi sobre a notícia que seria veiculada pelo jornal: “Deve cascar o almofadinha”, como diz um e a contestação do outro: “Filho de rico manda nesta terra que nem a Light! Pode matar sem medo.” e, por fim, pela última expressão: “O pai tinha ido conversar com o advogado.”
- e) Nicolino fingia não escutar porque o relato correspondia exatamente aos planos que ele tinha em mente: matar a “desgraçada” da namorada que não mais o queria.
- f) O procedimento empregado é o predomínio do discurso direto, através de diálogos curtos, com interferência mínima do narrador.
- g) O autor quer fugir do lugar-comum, distanciar-se da narrativa usual, da dramaticidade excessiva, transformando os elementos dramáticos em música de sucesso no bairro.
- h) A frase oferece indícios para se conhecer melhor a personalidade de Bianca que, por ser feia e estrábica, tem inveja de Carmela que, bonita e sensual, atrai todos os olhares dos rapazes do bairro.
- I) As frases curtas espelham o ritmo do jogo, a rapidez dos movimentos dos jogadores e de suas ações. Um ritmo louco de vai, não-vai, pára, corre, chuta: goool!
- j) O movimento circular da narrativa mostra que não houve um crescimento pessoal da personagem; ela manteve, apesar do episódio no Exército, a mesma linha de conduta banal que sempre permeara a sua vida.